

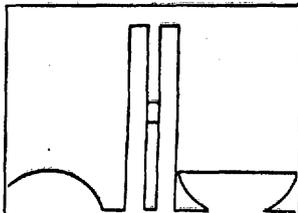
O passo da popularidade à liderança

JORNAL DO BRASIL

5 ABR 1986

Villas-Bôas Corrêa

Os foguetes anunciando e festejando o êxito que o Presidente José Sarney saltou ontem à noite, no espetáculo pirotécnico de um curto discurso que custou horas de cuidadosa montagem, assinalam uma etapa política na escalada que principia com o lance atrevido de 28 de fevereiro com a virada de projeto de estabilização financeira.



Coisas da política

É fácil imaginar o quanto Sarney deve ter-se contido para manter a postura séria, a voz grave, o gesto controlado, quando a alma bailava na efusão de um júbilo justificado. Afinal, não é brincadeira para um Presidente que assumiu há pouco mais de um ano, nas condições sabidas, intimidado pelo receio de uma rejeição nacional, com uma tênue e discutível legitimidade, galgar a tribuna de uma cadeia de rádio e TV para comunicar ao povo mobilizado pelo apelo ousado para a fiscalização do congelamento de preços, que a mágica está dando certo e que o primeiro mês registra a marca inacreditável de uma inflação negativa.

Se vai continuar dando certo e até quando, é outra história ou são outros capítulos do mesmo conto. Estamos falando de hoje e de agora. Pois Sarney afirma, com autoridade presidencial e esgrimindo dados oficiais, que o custo de vida baixou em março. Garante que a inflação continuará sob controle, acenando com a promessa de preços declinantes.

Justifica-se a incredulidade dos céticos e a irritação dos que jogaram no pior. É mesmo difícil de engolir, custa a passar na goela seca o comunicado de que, pela primeira vez, desde 1940, vivemos um mês sem inflação. Quer dizer: saltamos de uma perspectiva catastrófica da inflação disparada, próxima da velocidade de 20% ao mês, para o zero e com o penduricalho que até parece enfeite fabricado, berloque para dourar o quadro, de um pontinho e decimais negativos.

O Presidente, que se pendurava na corda frágil de índices de popularidade oscilantes, arranca, quando faltam sete meses para a eleição do seu destino para o Congresso-Constituinte, para empalmar uma efetiva liderança nacional.

Em um ano, o roteiro percorrido, por entre os trancos e sacolejos de um período denso, pode ser acompanhado por uma linha gráfica maluca, que sobe e despenca com a diferença de dias. Aparentemente sem nenhum motivo ou, quando se firma a vista e apura o foco, pelas mais contraditórias e fúteis razões.

O Sarney que galgou a rampa do Congresso na manhã de 15 de março do ano passado, depois de uma noite de vigília e com a aparência de tranqüilidade conseguida à custa da ingestão de doses temerárias de sedativos e depois guardou um controle desgastante nos 37 dias da doença do Presidente Tancredo Neves, superou a primeira fase com uma receita de austeridade e jogando as cartas do contraste. Buscou ser o anti ex-Presidente João Figueiredo, o Inesquecível. Esticando o expediente no Palácio, reunindo o Ministério (o Ministério de Tancredo), convocando representantes da sociedade para o debate de problemas, chamando os técnicos para opinar sobre assuntos específicos e que não são de sua notória estima.

A popularidade subiu com um surpreendente impulso. É que o povo costuma abrir um crédito de esperança diante de um novo governo. Até mesmo em face de um Presidente que assumia quase como um intruso, um substituto imposto pelos inconfiáveis ditames de uma Constituição desmoralizada pelo casuísmo, mexida e remexida pelo arbítrio, um molambo que urge jogar no lixo e esquecer tão logo se tenha um texto elaborado e aprovado por representantes legítimos do povo.

Se Sarney tinha os olhos no antecessor, como a lição do que não devia fazer, recordou-se de que também Figueiredo teve os seus dias inaugurais de popularidade, dos aplausos das ruas, dos cafezinhos sorvidos nos bares das esquinas mais freqüentadas. Até o incidente de Florianópolis e a desmoralização da bomba do Riocentro.

O reverso amargo não demorou a chegar. O Governo esforçava-se inutilmente para passar o seu compromisso com a pobreza, a prioridade do social. Lento, dispersivo, travado pela ineficiência do dinossauro burocrático, não atendia à impaciência popular, a pressa pelas mudanças, palavra-chave da virada.

Nas urnas de 15 de novembro de 85, na eleição desastrosa dos prefeitos das capitais, o Presidente Sarney sorveu a tisana de uma advertência, um pito público.

O Governo começou a esvaziar-se, a ser abandonado pelos trêfegos parceiros de uma aventura que virava o fio.

De então até 28 de fevereiro, o Governo só fez descer os degraus da impopularidade. E, de chofre, mudou tudo.

Ontem foi o dia da confirmação do acerto, da ratificação do êxito. Sem que se desprezem os riscos que se acumulam na linha do futuro. O Sarney do anúncio da inflação negativa começa a ir um pouco além da popularidade e a assumir uma liderança que ainda não encontrou a sua adequada expressão partidária. E, à falta de outro, serve-se do PMDB.